

Por uma prática sem valor: a suficiência e a conveniência poética do psicanalista

Ana Laura Prates Pacheco

Na aula de 17 de maio de 1977 do *Seminário 24 L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre* (1976-1977), Lacan lança uma pergunta: seria o psicanalista poeta o suficiente? Esta é a provocação que ele nos deixa, afirmando a seguir que “apenas a poesia permite a interpretação”. Articular a interpretação à poesia e, portanto, às leis da linguagem não é exatamente uma novidade em seu ensino. Desde o início, Lacan demonstrou – com Freud – que o sintoma, assim com o sonho, é uma cifra cuja lógica responde às mesmas leis que regem a combinatória significante: a metáfora e a metonímia: “a estrutura metafórica, que indica que é na substituição do significante pelo significante que se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação” (1957, p. 519). Seria, então, a interpretação, homóloga à estrutura do inconsciente? Vou tentar encaminhar esta questão com base em três breves recortes:

1. Um significante irredutível

Ora, não seria excessivo afirmar que a interpretação, enquanto resposta própria do psicanalista, funda a especificidade de seu discurso. Sendo solidária da transferência, é ela que permite ao psicanalista interferir, com seu ato, na tarefa do analisante, isto é, na associação livre. Mas qual seria a visada dessa resposta específica, que faz girar o discurso, fundando uma nova razão? Há, então, dois aspectos que se colocam de saída e de modo imbricado: a questão da verdade e a do sentido. Para Lacan, desde o início de seu ensino, a verdade revelada pela decifração está menos no nível semântico que responderia “o que isso quer dizer” e mais na estrutura de “como isso diz”. Aqui, é patente o deslocamento do plano hermenêutico para o estrutural, já que não é possível encontrar o par ordenado entre interpretante e interpretado, objeto e representação.

Dessa forma, a interpretação é menos um método para se alcançar a verdade recalçada, ou uma técnica de decifração, do que a tática relativa a uma política de cura.

O tempo restrito me impedirá de demonstrar os problemas teórico-clínicos que foram se colocando, a partir de quando Lacan, fazendo Escola, inaugurou uma clínica “além da rocha da castração”, com a criação do conceito de objeto *a*, causa do desejo e mais de gozar. Deixo apenas indicado que estas questões o levaram a se deparar com o impasse da fantasia, em relação ao qual sua resposta é a clínica do passe. E aponto, rapidamente, duas consequências específicas para a interpretação: a primeira delas, obviamente, é que a interpretação deve visar a essa causa. A segunda é tributária do debate com Laplanche, o qual reduz a proposta lacaniana de que a interpretação deve visar ao significante como sendo uma autorização para a polissemia infinita: a interpretação estaria aberta a qualquer sentido. A resposta de Lacan no *Seminário 11* (1964) é contundente. Ele diz: “A interpretação não está aberta a todos os sentidos (...). Ela tem por efeito fazer surgir um significante irreduzível” (p. 236).

Vemos aqui, antecipada de forma extraordinária, a escrita do discurso do analista, tal como Lacan apresenta no *Seminário 17 O avesso da psicanálise* (1969-1970), com o S1 no lugar da produção. Seria esse S1 o mesmo que, no discurso fundante da estrutura, o Discurso do Mestre, estava no lugar do agente da produção da causa do desejo?

$$\frac{a}{S2} \longrightarrow \frac{\$}{S1}$$

2. Um dizer

Avancemos para o Lacan de 1972, para destacarmos esse ponto, que me parece essencial: “é a partir do discurso em que se funda a realidade da fantasia que aquilo que há de real nessa realidade se acha inscrito” (*O Aturdido*, p. 478). A questão, portanto, que orienta os últimos dez anos do ensino de Lacan é exatamente esta: como propor uma clínica que possa ser orientada pelo que há de real nessa realidade? No *Seminário 20* (1972-1973), por exemplo, Lacan formula essa ousadia da clínica psicanalítica desse modo: “O sério (...) só pode ser o serial. Isto só se obtém depois de um tempo muito longo de extração, de extração para fora da linguagem, de algo que lá está preso” (p. 31).

Assim, por um lado, a interpretação deve visar extrair esse “algo” a partir da produção do UM determinante, tal como lemos na escrita do discurso do psicanalista. Por outro lado, e eis o paradoxo, não há como operar essa extração a não ser passando pelo sentido. Essa é a razão pela qual, no meu entender, Lacan precisará recorrer de modo simultâneo e indissociável a dois recursos: a criação de uma subversão no plano da lógica pela via do matema (sobretudo as fórmulas da

sexuação), que corresponde à interpretação como apofântico; e a valorização do ato pela via do poema, que corresponde à interpretação como equívoco. Eu diria que a apresentação desse programa está declarada no texto *O Aturdido* (*op. cit.*), e que Lacan, em seus últimos seminários, nos deixa de herança várias indicações a respeito desses dois eixos – como eu disse, indissociáveis em nossa experiência – e em relação aos quais estamos nos havendo com as consequências, sobretudo no dispositivo do passe.

“É a prática do analista”, ele nos diz, “que deve dar conta de que haja cortes do discurso tais que modifiquem a estrutura que ele acolhe originalmente” (*Ibid.* p. 479). Qual a estrutura que ele acolhe? Trata-se, justamente, da estrutura que possibilitou que um dizer passasse a ocupar o lugar de significante mestre para que os ditos pudessem articular-se à verdade, ainda que fantasmática. É dessa forma que o dizer se demonstra por escapar ao dito, e ex-siste em relação à verdade. Vejamos o que diz Lacan a esse respeito, no *Seminário 23*:

O que Freud sustenta como inconsciente supõe sempre um saber, e um saber falado. O inconsciente é inteiramente redutível a um saber. É o mínimo que supõe o fato de ele poder ser interpretado. É claro que esse saber exige no mínimo dois suportes, que denominamos termos, simbolizando-os por letras. Daí minha escrita do saber como tendo suporte no S com índice S2. A definição que dou do significante ao qual confiro o suporte S índice 1 é representar um sujeito como tal e representá-lo verdadeiramente. *Verdadeiramente* quer dizer, nesse caso, *conforme a realidade*. O verdadeiro é dizer conforme a realidade. A realidade, nesse caso, é o que funciona verdadeiramente. Mas o que funciona verdadeiramente não tem nada a ver com o que designo como real. (...) Em outros termos, a instância do saber renovada por Freud, quero dizer renovada sob a forma do inconsciente, não supõe obrigatoriamente de modo algum o real de que me sirvo (LACAN, 1975-1976, p. 127-128).

Assim, é graças à interpretação que o analista, com seu dizer apofântico, pode operar sobre os modos redutivos da demanda neurótica que envelopa o conjunto dos ditos e extrair daí um dizer. Aqui, é preciso tomar a etimologia da palavra apofântico: *apo* (embaixo) e *phaos* (luz). É curioso que Lacan, após afirmar que o dizer da interpretação tem o estatuto apofântico, retoma o fato de que ela incide sobre a causa do desejo. E completa: “causa que ela revela” – poderíamos acrescentar: mostra. E mais à frente, ele afirma que “a estrutura é o real que vem à luz na linguagem”. A questão fundamental aqui colocada é que à extração do “um dizer” corresponde o ab-sens, o não senso, o sem sentido, e a não relação sexual. Por quê? Ora, afirma Lacan:

O essencial do que disse Freud, é que há a maior relação entre esse uso das palavras em uma espécie que tem palavras à sua disposição, e a sexualidade que reina nessa espécie. A sexualidade é inteiramente tomada nessas palavras, esse é o passo essencial que ele deu. É muito mais importante do que saber o que quer dizer (*Conferência de Bruxelas em 26/02/1977*).

E em *Momento de concluir* (1977-1978), ele acrescenta: “O sexo é um dizer. Isso vale quanto pesa. O sexo não define uma relação. Foi o que enunciei com a fórmula: não há relação sexual”. Assim, podemos afirmar: “que se diga” é equivalente a “não há relação sexual”.

3. Um significante novo

Vejam, portanto, que não basta a redução ao UM determinante, e a extração da causa, já que é preciso se perguntar, ainda, como viver depois? É preciso se virar (*savoir y faire*). Eu gosto bastante dessa tradução do *savoir y faire* por “se virar”: aponta, por um lado, para uma decisão ativa, para um improviso, para a solidão do ato no final da análise. Por outro, inclui o reviramento (do toro),¹ a virada pelo avesso, necessária para desfazer o envelopamento do simbólico. E ainda, porta a conotação sexual, na origem chula da gíria “se vira”, apontando para um consentimento com um modo sexuado de gozo implicado na identificação ao *sinthoma* – ao contrário do gozo (a)sexuado da fantasia. Lacan é sensível ao fato clínico de que esse “se virar” não seja algo automático, muito menos espontâneo. Entre a extração do “que se diga” e o “se virar” há um ato que instaura dois tempos. Além disso, o sujeito sempre poderá promover, ainda, uma retenção ao UM como *chancela pseudoparanoica* (saída não tão rara, inclusive no movimento psicanalítico) ou forjar um cinismo relativista, sustentado no redobramento da consistência de seu modo de gozo. Se coloco a questão assim de modo um pouco dramático é porque é dessa forma que essa passagem se apresenta na clínica. A questão aqui é sempre a mesma, formulada de várias formas: “E agora, o que é que eu faço com isso?”, questão que aponta para o ato, e que convoca o analista e o analisante a terem que se posicionar eticamente.

Esta é, assim me parece, a visada de Lacan quando nos provoca, nos convocando a responder com nossa suficiência poética: a pó(ética) do ato. Aqui, o paradigma é a interpretação pelo equívoco, na qual se privilegiam a homofonia, as brinca-

1 Remeto ao texto de Conrado Ramos “*Considerações topológicas da passagem do sintoma ao sinthoma*”. In *Stylus* n. 23.

deiras e jogos com a língua. Mas, atenção, pois há aqui uma precisão importante: são eles, os jogos de linguagem, que jogam conosco, exceto – como observa Lacan – “quando os poetas os calculam e o psicanalista se serve deles onde convém” (*O Aturdido*, p. 493). À homofonia poderíamos acrescentar também a homonímia e o próprio jogo inter-línguas diferentes, cujo paradigma é o texto de Joyce.

Neste ponto, eu gostaria de fazer uma observação que me parece importante e que diz respeito ao cálculo poético. Frequentemente ouvimos que o texto de Joyce não tem sentido. Talvez pudéssemos corrigir essa afirmação, dizendo que, se nos ativermos apenas à semântica, talvez ela fracasse na significação (*Bedeutung*). Mas quanto ao sentido, o que encontramos é uma proliferação tão grande, que ele perde o valor (lembrem-se do valor de verdade da fantasia), apontando então para o ab-sens. Cada frase de Joyce foi construída como uma escultura, de modo totalmente artificial e calculado. Não se trata de uma escrita automática. Considero esse ponto importante, porque me parece que Lacan faz disso uma espécie de paradigma metodológico, apresentado no próprio título do *Seminário L'insu* (*op. cit.*).

Assim, me parece que Lacan está propondo em ato (pó)ético a mostraçã (para além da demonstração) do que ele chamou no *Seminário 23* (*op. cit.*) de usar até gastar. A questão inicial da relação entre a verdade e o sentido desloca-se para a de como “se virar” de forma inédita com a não relação entre o real e o sentido que o sinthoma escreve. Lacan apela à topologia da planificação dos nós – rodinhas de barbante (*ronds de ficelles*) que em francês também quer dizer “truque” – justamente para realizar a “mostraçã” da impossibilidade de aceder ao “peso do real” sem os “sedimentos de linguagem”. Não nos esqueçamos que no “nó bo” o sentido está no enodamento do imaginário e do simbólico, já que o real ex-siste ao sentido. Usá-lo até gastar! Eis a escroqueria, a trapaça do psicanalista.

Na conferência proferida em Bruxelas (*op. cit.*), Lacan volta às histéricas, realçando que foi o *Discurso da Histérica* e seu encontro com o psicanalista que criou um laço social sem precedentes na história: o *Discurso do Psicanalista*. “Elas, as histéricas, evidentemente não sabem o que dizem com seu blá blá blá e seu *chiqué*, sua metidez”, sua verdade mentirosa – como dirá Lacan em outro lugar. Eis o inconsciente *Une-bévue*, corpo de palavras, que nada tem a ver com as representações. Nessa mesma conferência ele afirma que a psicanálise não tem outra saída a não ser passar pelo sentido e, necessariamente, pelas palavras. Lacan diz que aí chega Freud nos *Estudos sobre a histeria* (1893-1895): “é com palavras que isso se resolve e é com palavras da própria paciente que o afeto se evapora”.

Eis, no meu entender, o que faz com que em *Momento de concluir* (*op. cit.*) ele diga que a Psicanálise é a “prática da tagarelice”, e uma prática – ressalta – eficaz. E indague: “Como é preciso que o analista opere para ser um retórico conveniente?”.

Vimos que Lacan já havia advertido que o analista usa os jogos de linguagem, assim como os poetas, quando lhes convém. Como sabemos, Lacan não é inocente. Ele, que vinha havia um bom tempo definindo a psicanálise como *práxis* – ou seja, a modalidade de ato na qual, para Aristóteles o agente, a finalidade e a produção são indissociáveis –, nos últimos seminários cria um neologismo (pouâte) que articula o ato com o poeta, remetendo então a *poiesis* (Arte), cuja característica, para Aristóteles, é justamente a de uma produção (obra) que apresenta um caráter externo em relação ao agente. Esse é um terreno fértil para ser explorado, sobretudo no que diz respeito à relação entre o papel do saber, o tipo de formação e experiências implicadas em cada uma dessas ações, bem como o lugar da intenção e da deliberação em cada uma delas, e ainda como as modalidades (necessário, possível e contingente) aí comparecem.

Parece-me, entretanto, que mais uma vez Lacan está aqui operando uma subversão nessa separação aristotélica. É evidente, também, que a *poiesis* aristotélica não se restringe à poesia e que, por outro lado, Lacan está nesse momento conversando com Jakobson, para quem “qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia, ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora” (1969 p. 128). Na função poética, a ênfase é dada na mensagem em si e não no que ela comunica.² Aqui, Lacan pontua o efeito poético não pela via da criação de sentido como havia feito em *A instância da letra* (*op. cit.*). Aqui, prioriza-se a ressonância, o som: “o forçamento por onde um psicanalista pode fazer ressoar outra coisa que o sentido” (*L’insu*, aula de 19/04/1977). Eis a suficiência poética do psicanalista que está, desde sempre, no cálculo tático e na conveniência da resposta à orientação real do “nó bo”, que foraclui o sentido apontando para o *ab-sens*. Essa outra ressonância, afirma Lacan, nada tem a ver com o belo: “Uma prática sem valor, eis o que trataria para nós de instituir” (*Ibid.*).

2 Para um maior aprofundamento nesta questão, tomei por referência a conferência de Silmia Sobreira, apresentada nas Conferências de AME do FCL-SP: “Um significante novo: por que não?”.

referências bibliográficas

- JAKOBSON, R. Linguística e poética. (1969). In: _____ *Linguística e comunicação*. São Paulo: Editora Cultrix, 1969, 118 p.
- LACAN, J. (1957). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: _____. *Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 496-533.
- _____. (1964). *O Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. 269p.
- _____. (1969). *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Tradução de Ary Roitman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992. 209p.
- _____. (1972-73). *O Seminário, livro 20: Mais ainda*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985. 201p.
- _____. (1973). O Aturdido. In: LACAN, J. *Outros Escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 448-497.
- _____. (1975-76). *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Tradução de Sergio Laia; revisão André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007, 249 p.
- _____. *O Seminário: L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. (1976-77) Inédito.
- _____. *Conferência de Bruxelas*. (1977). Inédita.
- _____. *O Seminário: Momento de concluir*. (1977-78). Inédito.

resumo

No *Seminário L'insu* (1976-1977) Lacan lança uma pergunta: seria o psicanalista poeta o suficiente? Esta é a provocação que ele nos deixa, afirmando a seguir que “apenas a poesia permite a interpretação”. Em meu desenvolvimento, destacarei que a articulação entre interpretação e poesia – portanto, as leis da linguagem – está presente no ensino de Lacan pelo menos desde *A instância da letra* (1958). Lacan demonstrou – com Freud – que o sintoma, assim com o sonho, é uma cifra cuja lógica responde às mesmas leis que regem a combinatória significante: a metáfora e a metonímia. A estrutura metafórica, especificamente, produz um efeito de significação que é de poesia ou criação. Seria, então, a interpretação, homóloga à estrutura do inconsciente? Vou tentar encaminhar esta questão com base em três breves recortes: 1. Um significante irreduzível; 2. Um dizer; 3. Um significante novo.

palavras-chave

Interpretação, função poética, *Aturdito*.

abstract

In the Seminar *L'Insu* (1976-77), Lacan poses a question: Would the Psychoanalyst be poet enough? This is the provocation he leaves us with, further affirming that “only poetry allows interpretation”. In my development, I will highlight that the articulation between interpretation and poetry, and therefore the laws of language, are present in Lacan’s teaching since at least *The instance of the letter* (1958). Lacan has demonstrated – with Freud – that the symptom, as well as the dream, is a metaphor, a code whose logic responds to the same laws which orient the significant combination: a metaphor and a metonym: the metaphoric structure, specifically, produces an effect of signification which is poetry or creation. Would the interpretation then be equal to the structure of the unconscious? I will try to work on this question departing from three short perspectives: 1) An irreducible significant; 2) A saying; 3) A new significant.

keywords

Interpretation, poetic function, *Aturdito*.

recebido

16/02/2012

aprovado

26/02/2012